

'CULTURA DOLARIZADA' AMEAÇA PLANO

Valor Econômico, 4.2.02

A hiperinflação e a dolarização de fato da economia são as principais ameaças à tentativa do presidente Eduardo Duhalde de impor o uso do peso aos argentinos. A corrida às casas de câmbio na semana passada e a espera de até nove horas para comprar dólares registrada na sexta-feira indicam que a reconstrução da confiança na moeda nacional não será uma tarefa fácil para o governo.

A pesificação total da economia é um dos principais pontos do plano econômico anunciado ontem pelo ministro Jorge Remes Lenicov. Com ela, o governo pretende que a Argentina seja um país "normal", com liberdade para estabelecer sua própria política monetária e reagir a choques externos adversos com eventuais desvalorizações.

Mas a tentativa do governo pode esbarrar na insistência dos argentinos de se agarrar ao dólar. O divórcio entre a pesificação imposta pelo governo e a dolarização desejada pela população pode levar à explosão da cotação do dólar. Para alguns economistas, a alta da cotação da moeda americana desatariaria um processo de remarcação de preços, que, por sua vez, voltaria a estimular a compra de dólar. No fim do caminho estaria a dolarização, em um processo semelhante ao que ocorreu com a conversibilidade em 90, sistema que acabou com uma hiperinflação de 5.000%.

Na opinião de outros economistas, só haverá hiperinflação se o BC (Banco Central) emitir pesos de forma descontrolada, o que a autoridade monetária jura que não fará. Mas se o déficit fiscal crescer mais que o previsto, a emissão de moeda será inevitável. Por isso, o equilíbrio fiscal é um dos principais requisitos de sucesso do plano econômico.

O dólar é o principal refúgio dos argentinos contra a inflação desde meados da década de 70. O regime de conversibilidade adotado em 1990 oficializou uma prática que já era comum na sociedade e transformou o dólar em uma moeda de uso corrente. Nos dez anos seguintes, o peso foi respaldado pela moeda norte-americana à cotação de 1 a 1. Depois de uma década de estabilidade monetária, o governo pretende agora que os argentinos voltem a pensar em pesos, o que constitui uma profunda mudança cultural.

"Não sei se vão passar dias, semanas ou meses nem quantos governos ficarão no caminho, mas estou convencido de que a única moeda que vai valer é o dólar. É como forçar as pessoas a verem televisão em branco e preto quando querem ver televisão em cores", disse ao jornal "La Nación" Arturo Porzecanski, vice-presidente de mercados emergentes do ABN Amro.

Nicolás Caruso, do Scotiabank Quilmes, acredita que a Argentina "não está preparada" para um regime de livre flutuação da moeda, como o que será implementado nos próximos dias. "A Argentina funciona em dólares e não existe confiança na moeda nacional", afirma Caruso.

Grande parte dos analistas argentinos acredita que o cenário mais provável será o de três "Ds", dos quais dois já foram implementados: o default e a desvalorização. Faltaria a dolarização, que agora poderia ser adotada com um peso muito mais desvalorizado em relação ao dólar que durante a conversibilidade.